

Identidade nacional: a pessoa e o universal *

António Teixeira Fernandes

O homem tem necessidade de referenciais para construir a sua própria existência. A trama humana desenrola-se dentro de coordenadas espaço-temporais, em obediência a concretos desígnios pessoais. Ter consciência de si mesmo, é possuir a capacidade de se relacionar com o mundo envolvente, sem correr o risco de se dissolver no anonimato do colectivo. É ainda, e sobretudo, saber discernir o devir do tempo e situar-se nele, sob a forma de projecto. Deixando-se viver, movida pela inércia social, a grande maioria da população pouco ou nada se questionará sobre o sentido do mundo e sobre o destino que a cada um é dado cumprir.

As sociedades não são realidades em total homogeneidade. Emergem nelas personalidades suficientemente fortes, dotadas de uma particular sensibilidade e portadoras de energias dinamizadoras, susceptíveis de encarnarem o sentido mais elevado de uma época. Tornadas consciência crítica do seu tempo, permanente reflexividade em acção, tendem a arrastar, na sua senda, outras vidas. E quando liberdades coexistentes com outras liberdades se encontram, e se fundem em movimento comum, as forças daí resultantes potenciam ainda mais os objectivos pessoais. A partilha é um multiplicador de sinergias. Os egoísmos individuais, no seu fechamento, impedem o despertar- e o desenvolvimento de realizações generosas, em horizontes mais distantes.

Marcante em relação ao seu tempo, parece ser a obra de Almada Negreiros. O seu trajecto existencial terá exercido particular influência

* Comunicação apresentada ao "Colóquio Internacional Almada Negreiros — A Descoberta como Necessidade", Porto, Fundação Eng. António de Almeida, Dezembro de 1996.

sobre a actividade colectiva e, na actualidade, a obra que deixou oferece um instrumento importante para se conhecer a sociedade em que estava inserido. Os seus escritos fornecem um material extremamente relevante para a análise dos conflitos e desafios levantados na altura ao desenvolvimento nacional. Parecem constituir eixos estruturantes da sua obra, estreitamente inter-relacionados, as ideias de pessoa humana, de pátria e de Europa. São estes igualmente os vectores orientadores da análise que, de seguida, se pretende fazer.

1. Não vivem verdadeiramente o seu tempo, ou não o vivem em toda a sua intensidade e plenitude, cumprindo a vida, aqueles que não se espantam de existir. E espanta-se de existir quem sabe admirar, enquanto olhar para fora de si, e maravilhar-se. Platão encontra no espanto o começo de todo o questionamento do mundo. A admiração traduz uma profunda empatia com o existente e uma sensibilidade em relação às suas manifestações.

Este sentimento e esta atitude aparecem em Almada Negreiros, que se tem como um "homem que vive neste século espantado de existir". O espanto não lhe vem unicamente da admiração que sente em relação à sociedade do seu tempo. Ele próprio surge envolvido no mesmo espanto, ao admirar-se como "aquele que se espanta da própria personalidade". Não se considera pertencente a "nenhuma das gerações revolucionárias", mas a uma "geração construtiva", vestido como o "melhor figurino do modernismo". Assume indefectível a sua consciência de ser numa temporalidade em devir, concebendo a época não apenas como "uma questão de tempo mas essencialmente um sentido do novo no eterno". A novidade aparece para ele não sob a forma de "impressão recebida do exterior — mas é o próprio fundo da alma que faz a sua aparição do sol". A modernidade "não é uma maneira de vestir mas sim uma maneira de ser"¹. Uma consciência viva de ser está na base de uma rica e especial sensibilidade em relação ao existir. Não se sente ser porque existe, mas existe em harmonia com a riqueza do seu ser.

¹ NEGREIROS, Almada — *Artigos no Diário de Lisboa*, in "Obras Completas", Vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988, pp. 58 e 59; *Textos de Intervenção*, in "Obras Completas", Vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 37; *Ensaio*, in "Obras Completas", Vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992, p. 28.

Radica neste estado de espírito, de um ser que se espanta de ser e de existir, uma concepção elevada da pessoa humana, a que se subordina toda a realidade social. Não se tem uma visão redutora dos indivíduos. Enaltece-se antes a sua subjectividade. Em seu entender, "o nosso íntimo pessoal é inatingível por outrem". As pessoas não conseguem espelhar na relação social tudo o que são, pois "a individualidade e a personalidade são florescências desse invisível do nosso ser a que chamamos o nosso íntimo" ². Desse interior não se ocupa a sociedade, destituída do direito de se intrometer na vida de cada um. A sociedade é mero número ou quantidade, sem outra existência que não seja a dos seres individualizados que a compõem.

A relação entre as pessoas é estabelecida através de um ligame de alteridade, em que cada um é um outro de um mesmo. A vida social acaba por ser uma coexistência de alteridades, insondáveis e irredutíveis nas suas pessoas, em abertura de liberdade. Se "não há pessoas, há apenas qualidades", então "os sistemas foram feitos para isto, para nós sobejarmos deles". A sociedade é espaço de realização pessoal. Porque o que faz as pessoas é o "ter a certeza do acaso", podem existir sistemas para todas as coisas, mas não há sistema para se ser e para se saber viver³. Para quem concebe a vida como liberdade, na ausência de qualquer pré-determinação, todo o acaso é uma possibilidade de realização que não obedece, no seu imprevisível, a um sistema. O sistema estandardiza vidas que nasceram para serem únicas, espontâneas e livres.

Não se pense, contudo, que se está perante uma concepção totalmente nominalista da vida social. Uma visão orgânica da sociedade subjaz à afirmação de que "o indivíduo no mundo é exactamente como um dos nossos órgãos no nosso próprio corpo. Nós não temos uma vida própria. Dependemos da vida total e unanime do organismo colectivo". Mas se

² NEGREIROS, José de Almada — *Nome de Guerra*, Lisboa, Editorial Verbo, 1972, p. 11. "Uma maneira simpática de conhecer o íntimo das pessoas é fazer-lhes algumas destas perguntitas de creança. Todos respondem a rir, imaginando que não tem importância a resposta nem valor a pergunta". NEGREIROS, Almada — *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 103.

³ NEGREIROS, Almada — *Artigos no Diário de Lisboa*, pp. 25, 34 e 48; NEGREIROS, José de Almada — *Poesia*, in "Obras Completas", Vol. 4, Lisboa, Editorial Estampa, 1971, p. 178. "Nenhum de nós era espécime de estandardização". NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, p. 170.

"não se pode separar absolutamente nada do que quer que seja", uma vez que "todas as coisas se relacionam entre si", é precisamente porque "a única coisa que é comum a toda a humanidade é a própria vida, é o próprio mundo". Com excepção da participação no essencial do existir, a organicidade não absorve nem dissolve o indivíduo no colectivo. Colectividade e indivíduo são "dois valores iguais, recíprocos, que dependem um do outro e que isoladamente se suicidam por suas próprias mãos". Um dos elementos, separadamente, "é o próprio isolamento, a autêntica solidão, a direcção proibida". Só o indivíduo ou só a colectividade, são apenas "dois restos que ficaram de outrem"⁴. Não há entre estes elementos dependência, mas relação potenciadora de mútua realização.

É estreita a relação entre indivíduo e humanidade. São, aliás, as únicas coisas que existem no mundo. Ao público e ao colectivo, contra-põem-se o pessoal e o universal. O público é o "inimigo mortal de todo o entendimento e alegria da humanidade", enquanto o universal "é atitude humana que não cabe senão em pessoa individual". Se "tudo quanto é apenas colectivo é desordem", a "ordem vem da composição individual". O individual forma em si a ordem, desde que "se projecte no colectivo". A criatividade nasce do encontro do individual e do universal, pois "cada um é o resultado de toda a gente". A vida social "é um jogo simultâneo da colectividade para os seus indivíduos e de cada indivíduo para a sua colectividade". Reduzida a si mesma, "a expressão do colectivo é o pânico". Existe, na verdade, uma pertença dos indivíduos à colectividade e desta àqueles, numa relação que precisa de ser equilibrada. Como consequência natural de uma tal relação, "quanto mais capazes estão as individualidades para servir uma colectividade, mais violenta e desesperada se torna a sua desadaptação". Porque "não há obra senão a de cada presença individual humana", na actualidade, "o maior problema da humanidade é o caso pessoal individual exclusivamente no seu mental e no seu sensível". Deste modo, "não há possibilidade de progresso colectivo que não venha justamente iniciado desde as condições pessoais de cada indivíduo humano"⁵.

⁴ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 43, 50 e 55; *Textos de Intervenção*, p. 85.

⁵ NEGREIROS, Almada — *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 93; *Textos de Intervenção*, pp. 77, 123, 125, 142, 178, 185 e 188; *Ensaio*, p. 48; "Pierrot e Arlequim personagens de teatro", in *Teatro*, "Obras Completas", Vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 47.

O trabalho do social, de produção contínua de social, terá de fazer-se mediante o desenvolvimento de todo o humano na pessoa humana.

O drama da época de Almada Negreiros parece consistir em que "não há indivíduos porque não existe a colectividade e não há colectividade porque não existem os indivíduos"⁶. A supremacia do colectivo leva-o a criticar a sociedade de massa assim como a falta de autenticidade pessoal o conduz à denúncia do disfarce.

Consciente do movimento de atomização social que alastra nas sociedades ocidentais, e na esteira dos teóricos da sociedade de massa, e porventura sob a sua inspiração, pensa que "o mundo inteiro está sozinho. Cada pessoa vive isolada no meio das multidões. As multidões são formadas por indivíduos, por numerosíssimos indivíduos isolados uns dos outros". Ainda que estejam, desde o princípio do mundo, "todos condenados à maior das desgraças humanas: o nosso próprio isolamento, a nossa própria solidão", o tempo em que lhe coube viver é, em particular, uma "idade das multidões". O que caracteriza os seres isolados é o facto de que "não participam da vida. São seres isolados. Fora do conjunto. Longe de tudo. À parte da própria vida". Parece fazer-se sentir mais na obra de Almada Negreiros a influência de Gustave le Bon, Gabriel Tarde e Ortega y Gasset, sensíveis ao advento do fenómeno das multidões, do que a de Alexis de Tocqueville, um dos primeiros teóricos das sociedades de massa. Aborda na década de 1930 questões que se irão tornar depois campo de sucessivas pesquisas. Para ele, "a humanidade inteira está reduzida à solidão de cada um dos seus indivíduos" ⁷. É o individualismo que avança na sua marcha irresistível, corroendo, na sua passagem, os ligames sociais.

Negando-se a colectividade, nega-se também a pessoa. As duas negações têm um efeito recíproco e multiplicador. A pessoa humana é, na sociedade, um absoluto, porque "neste mundo tudo é meio menos o Homem. A pessoa humana é a única finalidade de tudo quanto acontece na Terra". A personalidade individual é identificada essencialmente com a imaginação, tornada faculdade por excelência de criação. Se "a natureza é um mundo perfeito, mas sem imaginação", "a imaginação é a faculdade que permite ao Homem viver na natureza", sendo "na imaginação individual que está o melhor da dignidade humana". A imaginação aparece

⁶ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, p. 51.

⁷ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 35, 44, 45, 51 e 52; *Textos de Intervenção*, p. 110.

como a grande faculdade criadora do homem, que se exprime, em particular, no domínio da arte, onde a realidade é transposta e imaginada. A "tirania da realidade" é "destronada pela imaginação do Homem". Mas a situação provocada pela crescente massificação não se reveste somente de negatividade. A "novidade da idade das multidões" consiste em ser "a grande véspera do aparecimento dos novos indivíduos"⁸. A sensibilidade em relação ao advento das multidões e das massas não impede de ver a possibilidade de emergência de novas capacidades.

Como não existe modelo humano imitável e como "o mundo alheio é aquele onde cada um não deseja viver", e dado que "o mundo onde cada um deseja viver não existe, é único o recurso: imaginá-lo e ir por ele". A autonomia pessoal passa a ser uma exigência e a criatividade do espírito, na realização plena da pessoa, um apelo. Afirma que "ainda hoje estamos longe da essência espiritual dos sentimentos humanos confirmados pela natureza"⁹. O homem vive sempre em potência no seio da sociedade, ele é continuamente um princípio criador, porque uma liberdade. Com cada pessoa que desponta no seu horizonte, o mundo pode ser reinventado.

As novas personalidades que surgem são promessa de mais humano. Na verdade, "tudo o que personaliza qualifica em redor". De uma tão elevada concepção da pessoa humana, resulta, em Almada Negreiros, uma crítica contundente da falta de autenticidade e do disfarce. Observa que "a nossa querida terra está cheia de manhosos, de manhosos e de manhosos, e de mais manhosos. E numa terra de manhosos não se pode chegar senão a *falsos prestígios*". Estes abundam pelo país, tornando-se a "vergonha maior de Portugal". A culpa parece ser de todos. Algumas razões actuarão principalmente no seu desenvolvimento. Por um lado, os portugueses "não sabem, ou melhor, não desejam lutar contra a manha dos que chegam a ser ou favorecem os *falsos prestígios*", por outro, "tivemos sempre muitíssima mais razão do que serenidade para dizermos com toda a claridade a razão que temos". Sendo ocupados os lugares com o falso prestígio, a consequência é inevitável: "Chegam lá. Depois rebentam". A solução apontada parece-lhe evidente: "Evitemos este espectáculo de génios que se esgotam como se secam as vacas"¹⁰. Não será apenas a massificação que

⁸ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 69, 121, 123, 125 e 161.

⁹ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 108, 111 e 158.

¹⁰ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, p. 127; *Textos de Intervenção*, pp. 97, 98 e 105.

desvitaliza as sociedades. Também a falta de autenticidade naqueles que exibem o seu falso prestígio impede a realização das verdadeiras capacidades e hipoteca o desenvolvimento do país.

2. Quando se consegue visualizar a própria existência como um projecto imperativo, descobre-se nele a necessidade de um destino. Empenhado vivencialmente num projecto de justiça, tentando superar a situação dos que são capazes de "votar pelo que é justo sem se fazer nada pela justiça", Henri David Thoreau afirma, no século passado, que "se um homem é livre, quando pensa, quando imagina, quando fantasia, dando existência a coisas que não existem, não há governante, não há reformador que possa colocar-lhe travões" ¹. A consciência de um objectivo existencial posiciona o homem perante os outros homens, dando-lhe o sentido de uma forte identidade pessoal e impedindo-o de se fundir na massa social indiferenciada. O objectivo é potenciado à medida que entra em convergência com vários outros projectos humanos.

Uma viva consciência do destino pessoal, por amor da arte, aparece bem vincada na obra de Almada Negreiros. Fascinado pela originalidade da vida, que desperta em génio numa atmosfera de liberdade, e temeroso das multidões que tornam cada vez mais raras as personalidades enérgicas, encontra, na sensibilidade cultivada, o sinal mais evidente de tudo o que é espiritual. Com uma visão ao mesmo tempo apolínea e dionisíaca da existência, deseja para o homem uma situação de plena liberdade, em que possa desenvolver, por si mesmo, a própria individualidade. Assume decididamente o sentido da sua existência ao afirmar: "Quando eu vinha para casa a multidão ia na outra direcção". Não se trata de meros caminhos cruzados. É uma intenção e uma vontade: "Comecei a fugir de toda a gente a ver se me encontrava". Dando a "volta ao mundo" e fazendo o "itinerário universal", durante a viagem vê "tudo disposto de antemão" e descobre, por um lado, que "tudo o que há no universo podia ser visto com os dois olhos que estão na própria cara" e, por outro, que "era precisamente por causa de cada um de nós que havia o universo". As coisas do mundo, resultado de quem tem capacidade para as ver, e objecto de permanente busca, são as mesmas que encontra "dentro do peito no fim da viagem" que faz pelo universo. Almada Negreiros diz mesmo gostar de

¹ THOREAU, Henri David — *A Desobediência Civil*, Lisboa, Edições Antígona, 1987, pp. 29 e 56.

procurar para esse "encontro com todos". É verdade que "o sol para estar lindo necessita de cada um de nós". Mas não é menos certo que "na Vida não se encontra ninguém. O mais que nos pode suceder, — mas isso nunca sucede, — é encontrarmo-nos a nós mesmos". A contradição entre o encontrar-se e o não encontrar-se é meramente aparente. O que caracteriza a vida é a procura, não o encontro. O que se sabe é que a multidão é algo que passa rapidamente e exige que se lhe oponha resistência para não se ser arrastado pela sua força. O sentimento de um certo isolamento acompanha a vida dos grandes homens. Nem a amizade ultrapassa normalmente a periferia dos seres, nem a sua duração vai além do tempo da prosperidade. Na verdade, "o destino de cada indivíduo é afinal o único acontecimento importante inédito que sucedeu no mundo, no presente e nas gerações" ¹². A confiança de uns pelos outros aparece na razão directa do encontro dos seus objectivos. O desconcerto das vidas obriga cada um a cultivar a sua própria personalidade, para que o seu destino se realize, para além dos encontros e dos desencontros.

A consciência do destino pessoal surge, ao mesmo tempo, como causa e consequência da temporalidade que é dada a cada um para se cumprir. O sentido da temporalidade reveste-se, em Almada Negreiros, de uma dupla dimensão: de crítica da modernidade e de adesão ao futurismo.

A modernidade é animada pelo sonho de subordinar todo o existente à razão e à natureza, libertando o homem do peso das tradições, da irracionalidade das crenças e da coercitividade das relações sociais. Desencantando o mundo, põe em marcha um processo de destruição dos mitos e dos ritos. A racionalidade tenta dissolver as sedimentações que, com o tempo, se foram acumulando, e procura voltar a humanidade para um futuro iluminado pela razão científica e movido pela liberdade em democracia.

A crítica da modernidade surge já em pleno século XIX. Aquilo a que alguns vão chamando, com imprecisão, pós-modernidade não é mais do que um movimento que lança as suas raízes no século passado. Autores como John Stuart Mill dão-se bem conta de que "o mal mais temível não é o violento conflito entre diversas partes da verdade, mas a supressão silenciosa de uma sua metade" ¹³. Em obediência a uma certa lei dialéc-

¹² NEGREIROS, Almada — *Poesia*, pp. 168, 171 e 172; *Artigos no Diário de Lisboa*, pp. 77, 85 e 86; *Textos de Intervenção*, pp. 119 e 149.

¹³ MILL, John Stuart — *Saggio sulla Liberta*, Milano, II Saggiatore, 1991, p. 59.

tica do desenvolvimento histórico, valoriza-se agora o sentimento em detrimento da razão. A fuga a uma fria e abstracta racionalidade orienta o espírito do homem no sentido da procura da unidade e da totalidade, relevando embora o que tinha sido colocado na penumbra.

Um dos autores que, em Portugal, talvez mais tenha pugnado pela superação da modernidade parece ser Almada Negreiros. Com a admiração voltada para o século XIX, recebe de F. Nietzsche, que considera como "o mais evidente precursor da hora presente" e com quem contacta assiduamente através da leitura, os seus principais temas: a decadência da sociedade, a sobrevalorização da pessoa e o anúncio ou profetismo do futuro ¹⁴. Não há nele, porém, uma crítica formal da razão iluminista. É um modo de abordar as coisas em que a própria forma nietzschiana de escrever se reflecte claramente em alguns dos seus escritos.

Na esteira de F. Nietzsche, não só denuncia a razão e enaltece o sentimento, mas produz ainda um discurso laudatório da força e da violência. Aos homens do seu tempo, à maneira de Zarathoustra, dirige uma mensagem particular: "Divinizai o Orgulho. Rezai a Luxúria. Fazei predominar os sentimentos fortes sobre os agradáveis". "Fazei a apologia da Força e da Inteligência". "Fazei a apoteose dos Vencedores, seja qual for o sentido, basta que sejam Vencedores. Ajudai a morrer os vencidos". Com o desejo de fazer aparecer um homem novo, de um verdadeiro super-homem, são sublinhadas as virtualidades da guerra, já que "a guerra resolve plenamente toda a expressão da vida. *A guerra é a grande experiência*". Ela "serve para mostrar os fortes mas salva os fracos"; ela "intensifica os instintos e as vontades e faz gritar o Génio pelo contraste dos incompletos"; ela "acorda todo o espírito de criação e de construção assassinando todo o sentimento saudosista e regressivo"; ela "proclama a pátria como a maior ambição do homem". O ódio é convertido no "mais humano dos sentimentos", em "virtude consciente", porque deriva do "domínio da vontade" ¹⁵. Existe uma relação entre um certo sentido de finalidade para a existência, o ódio e a força. O ódio aparece como o resultado natural da fé e a fé é constituída em condição necessária da força. Uma forte ideologia fundamenta uma concepção guerreira, entendida como capaz de dar a devida têmpera à vontade dos homens tidos como mais nobres.

¹⁴ NEGREIROS, Almada— *Textos de Intervenção*, pp. 51, 53, 81 e 137; *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 66; *Ensaio*, 46.

¹⁵ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 38, 39 40 e 42.

Se o homem é feito para a guerra, o único papel da mulher será o da procriação. Também à imagem de F. Nietzsche, e na esteira de um pensamento tradicional expresso em vários autores, defende que "é preciso educar a mulher portuguesa na sua verdadeira missão de fêmea para fazer homens". Em tom de crítica à situação então dominante, diz que "a mulher portuguesa ainda continua a depender de ideias que mais facilmente a convencem do que lhe servem" ¹⁶. Há uma certa correspondência entre as ideias de virilidade e de feminilidade. A segunda é apenas o complemento da primeira.

A crítica da modernidade veicula a valorização da vontade sobre a razão, do ideal nobre e guerreiro sobre o saudosismo passadista, da virilidade do homem sobre a passividade acomodada da mulher e das virtudes do orgulho, da força e da violência sobre o decadentismo da humildade, da compaixão e do amor. Estas são concepções profundamente interiorizadas e feitas condição de existência para quem escolhe, com determinação, uma via existencial própria.

Com tal pano de fundo, encara Almada Negreiros o seu papel de poeta e de português, assim como o de todos os que comungam no mesmo projecto. Entende que "hoje são necessários apenas os heróis do novo mistério do mundo". Estes heróis são aqueles que encarnam "o homem liberto" como é "a posição social e humana do artista". Preconiza-se, para este, uma liberdade total, sem limites, tornando-o "liberto do passado, liberto do abstracto, liberto do concreto, liberto do céu e do inferno, liberto dos mitos e das realidades, absolutamente liberto de toda a espécie de "chassis", e esplendidamente harmonioso dentro dos limites incomensuráveis do humano". O empenhamento no movimento futurista radica nesta condição. Trata-se de uma condição extremamente exigente, que implica uma vivência, em liberdade, de uma perfeita libertação: "Nenhuma das espécies de liberdade interessa aos indivíduos já libertos. A liberdade é sempre em qualquer aspecto o grito de guerra dos escravos. E o último tirano dos escravos é cada um mesmo. Ainda falta a cada um dos escravos libertar-se do seu próprio e último tirano". Enquanto "ser antigo é o direito de recordar", "o pintor moderno está completamente virado para diante de si mesmo, sem sombra de nostalgia pelas costas" ¹⁷. O seu enrai-

¹⁶ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, p. 41; *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 75.

¹⁷ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 81, 110 e 111.

zamento pode ser feito no passado, mas o olhar está posto, com toda a sua clarividência, no futuro. A libertação é um pressuposto fundamental da liberdade, liberdade essa que não pode ser redutível à sua pura dimensão política. É um estado de alma, é uma vontade, é mesmo um destino. A liberdade deixa de ser uma opção, quando, à maneira sartriana, a pessoa se sente condenada à liberdade.

Na liberdade, em contínua libertação, radica o verdadeiro sentido do futurismo. O seu esforço consiste em "acertar com a direcção única e onde o único obstáculo seja de verdade o mistério do futuro". Afirma: "Nós, os futuristas, não sabemos história só conhecemos da Vida que passa por nós". Pertencendo a "uma humanidade que marcha para amanhã", sente, no entanto, as dificuldades de ser moderno. O futurismo "começa por ser um movimento exclusivamente de arte, e localizou-se por fim, definitivamente, em movimento político". Operada a mudança de orientação, os futuristas, partindo para a política, "vão intervir directa e imediatamente nas suas respectivas colectividades". Não é, porém, essa a orientação que se assume como futurista. A sua "posição do humano", enquanto artista, não o volta para a política. A direcção unânime deve ir exclusivamente no sentido da "necessidade do conhecimento do humano". Embora os futuristas tenham decidido "intervir directamente nos poderes públicos", Almada Negreiros não pretende seguir a mesma via. Afirma, de facto: "Mas eu não nasci para os poderes públicos". Arte e política têm significados diferentes: "Arte sinónimo de humano. Política sinónimo de social". Se a política pressupõe uma relação de mando-obediência, "a Arte é a criação, e a criação é originalidade, e a originalidade é inédita no mundo". Enquanto a política, campo da ideologia, encobre, "a Arte revela". Esta é a razão pela qual "através da história a arte despertou sempre essa antinomia junto dos poderosos". Os artistas "é só a humanidade e a sociedade quem os destina", não os políticos. A arte reivindica a sua autonomia, porque é revelação e criação e, como tal, "não tem ódios". É essencialmente "esta candeia terrena de nos alumiar cá em baixo: é recurso humano", na caminhada. Não é ocultação. O artista, que "é a liberdade humana em pessoa", é "o humano que produz criação". A arte "não é apenas conhecimento, é prazer do conhecimento", porque é também "uma consciência da maioria da Humanidade". Mas Almada Negreiros não sente menos o frémito da acção e a ânsia de prescrutar e de fazer nascer um mundo novo, sustentando que a todo o "homem é-lhe impossível uma atitude passiva radical, já que a prepotência do ser o arrebatava do conformismo consigo

mesmo, evitando que seja como as coisas são". O homem "ficou condenado a criar o seu próprio lugar"¹⁸. Vive tal necessidade com a alma de poeta e de artista.

De acordo com esta visão do mundo, sente-se "destinado ao desocultamento ontológico. Os poetas e os pensadores são os assinalados pelo signo da insatisfação: não se resignam a ficar dentro do já desoculto, do familiar e do ordinário". O futuro, enquanto movimento, recebe o selo do "Orpheu", considerado como a "vanguarda da modernidade. A nossa vanguarda da modernidade"¹⁹. Por amor deste ideal de futurismo, entendido como projecto de desocultação de todo o humano, através da arte e unicamente mediante ela, corta relações com alguns companheiros do "Orpheu", por estes terem ousado manifestar as suas opiniões políticas. Era-lhes permitido "ter opinião", mas não agir por opinião. A luta a favor do futuro é travada apenas com as armas da arte.

3. O sentido da valorização da pessoa, elevada à sua sublimidade como fim de todas as coisas, mas resultante, na sua contínua realização, da estreita relação individual/colectivo, anda associada, em Almada Negreiros, a uma particular concepção de Pátria. Vários elementos constituem uma tal concepção, de entre os quais se destacam a consciência da temporalidade, o reconhecimento de uma relativa decadência, a sua situação no espaço da Europa e a atribuição de um destino colectivo.

3.1. A sensibilidade em relação ao fluir do tempo na história começa por ser detectada a partir da observação dos seus contemporâneos e que o leva a dizer que "as pessoas estão cada vez mais avisadas, dão-se conta de tudo, menos da época em que vivem". Com os seus olhos, que reconhece que não são só seus, porque "são os olhos do nosso século", pretende "justamente apanhar em flagrante os jeitos próprios do panorama colectivo da actualidade"²⁰. A reflexão não se fica na sua pura abstracção, alimenta-se dos problemas com que se confronta a sociedade.

¹⁸ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 84, 125, 131, 133, 134, 139 e 164; *Textos de Intervenção*, pp. 30, 80, 108, 111, 115, 116, 121, 124, 127, 132, 133, 136, 141, 142, 166 e 167. "O próprio da Arte é ir adiante do que acontecerá". *Textos de Intervenção*, p. 74.

¹⁹ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 166, 167, 175 e 178.

²⁰ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 122 e 175; *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 51.

Os múltiplos contactos de Almada Negreiros com outras sociedades despertam nele um especial sentido do desfasamento existente entre Portugal e a Europa. A entrada no século XX não se faz por se ter nascido em Portugal, pois "Portugal não está no século XX", "Portugal não está ao lado da humanidade actual". Depois de Alcácer-Kibir, ter-se-á perdido "o passo na marcha geral da humanidade", de forma que mais de quatro séculos se esteve na "Europa física sem autoridade na Europa política". A consciência de nação dos portugueses permanece parada nesse tempo distante e, na actualidade, não se faz "a mínima ideia do que seja uma nação, um conjunto nacional, um pensamento comum, uma vontade unânime, nada, absolutamente nada que seja forçosamente colectivo". Uma crítica contundente é vibrada aos procedimentos públicos em relação às capacidades nacionais. Fazendo muito pior do que desprezar os valores e as capacidades particulares, a nação "não os sabe utilizar. Sistematizada, burocratizada, a nação perdeu a flexibilidade necessária para permitir o desenvolvimento das classes e profissões". Face a um tal estado de coisas, cresce a emigração. Reconhecendo embora que "é viver o que é impossível em Portugal", decide ficar "para tentar destruir o "Impossível" em Portugal". Tal impossível não é imputável a causas estritamente políticas. Tem a ver com uma inércia e um estado de espírito. Para ele, "a preguiça individual portuguesa" "é pelos vistos incomparavelmente maior do que a preguiça colectiva portuguesa". A situação somente poderá ser superada mediante a criação da "cultura do entendimento português"²¹. Sem o avivar da consciência do tempo em que se cumpre a existência, não parece ser possível integrar Portugal na humanidade e na Europa política. A integração passa pela máxima potenciação do humano, que não é mais do que a total realização de cada um. O perfeito desabrochar de tudo no humano é a condição para se atingir o movimento ascendente da humanidade.

Este posicionamento leva Almada Negreiros a apresentar-se como "um poeta português que ama a sua pátria". Sendo verdade que "a Arte não vive sem a Pátria do artista", descobre que "a arte tinha uma política, uma pátria e que o seu sentido universal existia intimamente ligado a cada país da terra"²². Esta aparece como a única causa pela qual se bate, reconhecendo que o facto de ter nascido português pesou totalmente na sua

²¹ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 54, 55 e 56; *Ensaio*, pp. 63 e 71.

²² NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 37, 61, 141 e 178.

pessoa e na sua arte. Porque a prioridade é dada a valorização da pessoa, o seu patriotismo não é o de quem deve merecer a sua pátria, mas o de quem espera que a sua pátria o mereça. Crê-se, por isso, como português, com o direito de exigir uma pátria que esteja à sua altura. O ser português não deriva de uma fatalidade, nem é o resultado de se ter nascido num determinado espaço geo-político. É a afirmação de uma vontade e a enunciação de um propósito. O ser em si transforma-se assim em ser para alguma coisa, a arte em Portugal.

A exigência de uma pátria amoldada aos próprios contornos da pessoa é solidária de uma visão da existência como algo insondável e inimitável. Prometeu é apontado como o "protagonista do humano. O primeiro protagonista do humano", porque "é a verdadeira descoberta do humano" ²³. Ele simboliza, nos segredos dos deuses, a aspiração do conhecimento do homem. Sob a forma do modelo clássico de Prometeu, se traduz a responsabilidade que cada um tem de tomar em mãos o seu próprio destino, arrebatando o conhecimento de que carece a existência. Compete ao homem promover em si a descoberta do humano até aos confins da sua perfeita realização.

Em tal busca sem tréguas, não existem figurinos a seguir. As pessoas com quem Almada Negreiros cruza no quotidiano do seu tempo "estavam todas muito bem vestidas de quem precisa salvar-se". Confessa mesmo ter andado "a procurar por todas as vidas uma para copiar e nenhuma era para copiar", embora admita também que "sobre os heróis é que se marcha bem guiado". Admitindo que "o imprevisível de que cada um é o único portador é o único combustível que ascende no mundial e no universal", conclui que "nós não precisamos de Mestres para chegarmos a Mestres, bastam-nos os nossos sentidos aqui na cidade". Se há que seguir alguma coisa, não serão certamente os sistemas que merecem ser copiados, mas unicamente os exemplos pessoais. Porque a vida não obedece a qualquer figurino, torna-se evidente que "nem todos temos a necessidade de irmos como nós mesmos. Ou o modo que cada um leva de ir consigo é estranhamente diferente de uns para os outros". Somente os homens de cultura atingem o estado de encontro consigo mesmos e, por isso, "enquanto não formos todos heróis a sina dos heróis é ficarem sozinhos. É a tragédia do conhecimento". As pessoas que Almada Negreiros diz mais admirar "são

²³ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 88, 89, 91 e 92.

aquelas que nunca se acabam". Observa mesmo que, quando nasceu, "as frases que hão-de salvar a humanidade já estavam todas escritas, só faltava uma coisa — salvar a humanidade". Insondável é o mistério da vida contido no interior da pessoa humana, no qual se insere o "Destino invisível, intruso e fatal". Tendo sido já "daqueles que julgam que não há nada de novo neste mundo, e que tudo quanto existe e só o que se vê com os olhos de cara", abre-se plena e continuamente ao mistério da vida, descobrindo nele um destino para se salvar²⁴. O mistério, por si próprio, atrai e arrasta e, porque destino, afirma-se com a força de imposição categórica.

O conceito de salvação perde, em Almada Negreiros, a sua significação religiosa para assumir a dimensão de conhecimento e de realização pessoais. Se a sociedade sacral inscreve a salvação no registo escatológico, a modernidade, após o processo de secularização, transpõe-na para o quadro do desenvolvimento humano. Desde que a história se torna o centro de tudo o que é pensável e que nada há que não lhe seja imanente, o homem tende a buscar a sua plena realização na máxima potenciação de si mesmo na temporalidade. Ao lado de noções como racionalidade e progresso, a salvação passa a ter o estatuto de conceito chave da modernidade.

Aos que "seguramente ignoram que a personalidade não se recebe dos outros, mas sim necessita que cada um a liberte de si próprio", indica o único caminho a seguir: "Criaí a vossa experiência e sereis os maiores". Cada um deve ser como é ao lado de todas as maneiras de ser. Almada Negreiros afirma ser o "resultado consciente" da sua "própria experiência", numa vida pessoal que "são instantes mais ou menos luminosos da vida da humanidade"²⁵. Nem a vida pode ser por imitação, nem o pensamento por procuração. As pessoas são chamadas a serem totalmente, na realização de uma experiência pessoal. Não se verificando tal condição, o homem continua a ser sempre um ser adiado, que não se cumpre na história que lhe é dada como destino.

O companheiro que o homem encontra ao seu lado, pelas diversas sendas ou alamedas da existência é a persistente dúvida. Almada Negreiros

²⁴ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 105, 183 e 184; *Artigos no Diário de Lisboa*, pp. 26, 43, 44, 45, 53, 54 e 71; *Ensaios*, pp. 94, 103, 113 e 157.

²⁵ NEGREIROS, Almada — *Ensaios*, pp. 28, 39 e 40; *Textos de Intervenção*, pp. 30, 37 e 38.

diz trazer a "própria dúvida em pessoa", dentro da sua cabeça²⁶. Duvidar é saber situar-se diante dos outros e perante as coisas. É ter consciência de si, na sua exigência de autenticidade. É ser movido permanentemente para a busca da verdade. É não querer ser apanhado pelas contingências da vida. É desejar manter sempre a mesma direcção, em obediência aos apelos da existência.

3.2. Se Portugal não oferece espaço para a emergência e o desenvolvimento das pessoas é também porque mergulha num estado atávico de decadência. Este tema aflora de forma recorrente na obra de Almada Negreiros, expresso de forma directa ou indirecta. Escrevendo em 1917, sustenta que se vive em Portugal "numa pátria onde a tentativa democrática se compromete quotidianamente. A missão da República portuguesa já estava cumprida desde antes de 5 de Outubro: mostrar a decadência da raça". Se Portugal é um "país decadente" é porque é um "país de fracos". O homem surge aqui como o "escárneo da Raça". Trata-se de um "povo robusto sem saber o que fazer da sua robustez". Não é, porém, apenas o desaproveitamento da energia física que está em causa. O seu sonho era talvez demasiado elevado, como sonho "com um país onde todos chegavam a Mestres"²⁷. Esta seria a situação onde a imitação e a cópia não teriam espaço. A sociedade portuguesa tornava os homens todos parecidos, os de valor com os sem valor.

Expressão da decadência tipicamente portuguesa é a saudade, duramente verberada, porque considerada como "uma nostalgia mórbida dos temperamentos esgotados e doentes". A decadência "definha e estiola" e assim "prejudica a raça". Há um "sentimento-síntese do povo português" que é a saudade, e "o fado, manifestação popular da arte nacional, traduz apenas esse sentimento-síntese". Tal sentimento produz um estado de entropocimento e de passividade dos espíritos. Para os Portugueses, "o único caminho que vai desde a tristeza até à alegria chama-se Saudade: a

²⁶ NEGREIROS, Almada — *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 49. "Porque os erros são a única maneira que cada um tem de evitá-los. Os erros fazem parte da substância sincera de cada um". *Textos de Intervenção*, p. 120. "Aproveita agora que tens a dúvida dentro da tua cabeça, aproveita a sorte de teres a dúvida dentro da tua cabeça. Não te canses de ter esta sorte!". *Poesia*, p. 153.

²⁷ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 37 e 39; *Artigos no Diário de Lisboa*, pp. 33, 34, 45 e 61.

Saudade do que já passou e a Saudade do que há-de vir!". Enquanto "a alegria é de toda a gente, só a tristeza é nossa!". A passividade nacional é também um produto deste fatalismo colectivo, que faz com que "a cópia e a obediência ao Mestre" tenham sido "o único caminho tradicional para a nossa emancipação individual e colectiva" Diferente do fatalismo português, parece ser o europeu. Uma vez que "o sonho de Prometeu será eterno", pois "este sonho no conhecimento está na massa do sangue da Europa", segue-se que "não é o fatalismo dos árabes e dos orientais no qual o Destino estava escrito para os que vieram a este mundo, mas sim a fatalidade europeia, nascida com Prometeu, dinâmica, heróica, conquistadora, dominante, universal e pessoal a um tempo", a que convém a Portugal. Desde que se tapam "todas as vistas bonitas que nós tínhamos", "só os estrangeiros não andam cegos neste país"²⁸. O saudosismo é apresentado como uma marca forte da decadência da nação. Distancia-se, neste particular, de outras sensibilidades afirmadas na época.

Sinal de decadência é também a tendência geral do Português para dizer mal da sua pátria. Ele vive sempre melhor onde não vive e aprecia mais o alheio do que o que é seu. Desdenha o que é produto nacional e valoriza o que vem do exterior. Acresce ainda o facto de que, "com todas as suas qualidades de poliglota, desnacionaliza-se imediatamente fora da pátria, e até na própria pátria". É o sistema educativo que se encontra viciado. Ao contrário do que acontece com outros povos europeus, uma vez que "em Portugal educar significa burocratizar", "o português educado sem o sentimento da pátria e acostumado à desordem dos governos criou para si a compensação inútil de dizer mal dos governos e nem poupou a pátria. Estabeleceu-se até, elegantemente, como prova de inteligência ou de ter viajado dizer mal da pátria". Para Almada Negreiros, "isto deixa de ser decadência para ser a própria impotência física e sexual"²⁹. Não se será somente afectado pela tristeza e pela saudade, possui-se igualmente uma identidade negativa.

Qualidades e defeitos marcam a idiossincracia nacional. São verberados mais estes do que enaltecidas aquelas. O que parece faltar são os sen-

²⁸ NEGREIROS, Almada—*Textos de Intervenção*, pp. 39, 40, 41 e 89; *Artigos no Diário de Lisboa*, pp. 71, 72, 107, 108 e 116; *Ensaio*, pp. 94 e 95.

²⁹ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 39, 40 e 41. "A mim já me chamaram pau de dois bicos quando, na verdade, eu tenho tantos bicos quantos os necessários para deixar de ser pau e ser eu!". *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 65.

timentos fortes. Observa que "Portugal não tem ódios, e uma raça sem ódios é uma raça disvirilizada porque sendo o ódio o mais humano dos sentimentos é ao mesmo tempo uma consequência do domínio da vontade, portanto, uma virtude consciente". O panorama nacional é descrito em termos de apatia geral. Parece que "o português, como os decadentes, só conhece os sentimentos passivos: a resignação, o fatalismo, a indolência, o medo do perigo, o servilismo, a timidez e até a inversão". Assim é caracterizado Portugal que "quando não é um país de vadios é um país de amadores"³⁰. Uma concepção elevada, porventura utópica, da pátria serve de ponto de partida para se zurrir duramente os defeitos portugueses.

Mas o que parece desvirtuar mais o sentido da pátria é o divisionismo que se instalou na sociedade. Fragmentou-se a comunidade com as clivagens políticas e "os interesses dos partidos prejudicam o interesse comum da pátria". A democracia é valorizada. Esconjura-se mesmo a sua perversão quando se diz que "é preciso explicar à nossa gente o que é a democracia para que não torne a cair em tentação". Mas denuncia-se também o igualitarismo e o colectivismo. Almada Negreiros pensa que "é preciso violentar todo o sentimento de igualdade que sob o aspecto de justiça ideal tem paralisado tantas vontades e tantos génios e que aparentando salvar a liberdade, é a maior das injustiças e a pior das tiranias"³¹. A concepção da sociedade não é igualitarista, mas meritocrática. Somente uma visão elitista parece permitir a emergência do artista e do génio, de que tanto parece carecer a sociedade portuguesa.

Para contrariar o divisionismo ideológico, é aconselhado o abandono por parte dos "políticos de todas as opiniões: o patriotismo condicional degenera e suja; o patriotismo desinteressado glorifica e lava". Abundam em Portugal "essas ideias capazes de reunir alguns", mas falta "aquela única que nos reúne a todos nós Portugueses, a ideia comum de Nação". Tal ideia não se cria através de filiações partidárias, porque "a maneira de se criar a ideia comum da nação não é como parece indicado a de fazer adeptos, ou concordantes". A nacionalidade não se produz mediante procedimentos jurídicos ou de arregimentação. Desenvolve-se desde que "as

³⁰ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 39, 40 e 41. "O povo completo será aquele que tiver reunido no seu máximo todas as qualidades e todos os defeitos. Coragem, Portugueses, só vos faltam as qualidades". *O. a.*, p. 43.

³¹ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 39, 41 e 42.

raras vontades o sejam em verdade e independentes, generosíssimas e decididas". O principal factor de dispersão da ideia comum de nação consiste no facto de que "umas centenas de portugueses pintam de azul ou de vermelho o seu patriotismo, condição sem a qual cor não servirão o país". Enquanto uns vêem de azul, outros de vermelho e outros de amarelo, "conforme a cor que cabe dentro do gostar de cada qual", os valores nacionais "ficam reduzidos ao grito de se deixarem morrer asfixiados na própria Pátria". A voz e a escrita em Almada Negreiros tornam-se um grito de alarme numa sociedade que lhe aparece em situação de "apagada e vil tristeza", numa sociedade que não tem consciência de que "é preciso, é vergonhosamente preciso, ter mais fé em cada uma das pessoas portuguesas do que nos sistemas para as governar". A causa de tal estado de coisas é imputada ao próprio Estado, na medida em que, "bem mais negra do que a fome é a falta de cultura dos nossos contemporâneos, e pior do que esta a falta de reconhecimento pelos poderes públicos daqueles que trabalham nos seus legítimos lugares"³². Na valorização do que é nacional, daquilo que é valor e potência a emergência de uma nova sociedade e na socialização de algumas ideias, enquanto tomada de consciência de um destino comum, no concerto das nações, se consubstanciam as noções de nação e de pátria.

3.3. A concepção de nação oferece a Almada Negreiros a perspectiva que subjaz à sua análise dos problemas europeus. A Europa, onde "a luz do mundo continua a fabricar-se", porque "parte da Terra que é a cabeça da geografia", parece obedecer à lógica da diferença. Em seu entender, ela "tem sobretudo o sentido unanimista da vida. É uma característica exclusivamente sua. Este unanimismo faz dispersar-se a Europa em todos os sentidos em busca da sua alma única". A procura da própria alma leva as nacionalidades a terem "as portas fechadas para os de fora. Lá dentro cada povo mergulha nas suas próprias entranhas para salvá-las do alheio". Cada "povo irá buscar na antiguidade o seu bárbaro iniciador, o primeiro autor da sua independência telúrica, o seu primeiro aborígene, o seu autóctone originário, e fá-lo ressuscitar hoje na Europa do

³² NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 42, 63, 65, 66, 123, 125 e 141. As cores referidas por Almada Negreiros traduzem as principais formações políticas da época. O vermelho é a cor mais forte, a que simboliza o Partido Republicano de Afonso Costa, também designado por Democrático.

século XX". Em consequência deste processo, "as relações internacionais são os últimos gestos do passado moribundo"³³. São expressão de um tal movimento de orientação e de fechamento de cada nação sobre si mesma, o fascismo, o comunismo e o hitlerismo.

Os regimes autoritários e totalitários que, na época, se afirmam na Europa, no pós-Segunda Guerra Mundial, não são objecto de contundente crítica. Há, no entanto, um claro posicionamento de Almada Negreiros a seu respeito. A prioridade dada à valorização da pessoa, como factor criador e dinamizador da sociedade, conduz à rejeição de toda e qualquer ideia de colectivismo. Ironiza "alguns sábios (assim lhes chamam ainda os da sua leia) e que vêm a público com uma autoridade, que ninguém sabe como a têm nem quem lha deu, e dizem frases importantes e definitivas como estas: o individualismo morreu. Estamos na época colectivista". A este propósito, afirma peremptoriamente: "Nem o individualismo morreu nem o colectivismo ganhou". Aqueles regimes políticos são abordados, não como poder concentrado, negador da liberdade e da democracia, mas na perspectiva do nacionalismo, observando que "não só os governados como também os governantes se dirigem confiadamente à procura do seu próprio chefe. Um chefe com todos os poderes nas suas próprias mãos e sobretudo com o poder de garantir que cada uma das pessoas dos seus governados seja a própria de cada uma delas". Não se encontra qualquer antagonismo entre a concentração do poder, que reconhece estar em vias de se operar, e o espaço democrático da liberdade e da criatividade dos indivíduos, na sociedade civil. As principais preocupações centram-se na pátria e na cultura. Aceita, por isso, que "determinado território do mundo esteja ansioso de formar a sua própria humanidade", mas acha "legítimo também que nenhuma humanidade parcial possa ter outro modelo que a humanidade autêntica, nem outra integração que esta própria"³⁴. São deixadas à margem, como irrelevantes, as questões referentes aos conflitos ideológicos e aos regimes fortemente autocráticos que, ao tempo, faziam história na Europa.

A união europeia é concebida em termos de coexistência de nacionalidades realizadas, em plenitude, na sua própria humanidade. Não se preconiza a diluição das diferenças, nem o apagamento das especificidades.

³³ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 80, 81 e 109; *Ensaios*, pp. 95 e 117.

³⁴ NEGREIROS, Almada — *Ensaios*, pp. 42, 85 e 118.

Nos inícios da década de 1930, Almada Negreiros afirma que "cada português terá de ser mais português do que nunca em face do espanhol mais espanhol do que nunca e sobretudo portugueses e espanhóis teremos de ser mais portugueses e espanhóis do que nunca, em face do alemão mais alemão do que nunca, do inglês mais inglês do que nunca, do francês mais francês do que nunca, do italiano mais italiano do que nunca, do russo mais russo do que nunca, enfim, de todo e qualquer povo mais nacional hoje do que ontem, mais ele mesmo hoje do que nunca"³⁵. A forma da Europa ser verdadeiramente ela mesma consiste em cada nação explorar os seus recursos próprios até ao limite das suas potencialidades. Não são relevados os efeitos perversos dos nacionalismos então florescentes.

No pensamento de Almada Negreiros, existe um estreito paralelismo entre a pessoa humana, a família, a pátria e a Europa. A pessoa é a sede da autonomia criadora, o espaço da liberdade radical, a partir do qual se constrói a sociedade e a nação. Por sua vez, "a nacionalidade é uma extensão da família, como se o seu território abrangesse a todos debaixo do mesmo tecto". Com a falta de realização das pessoas, dissolvem-se as famílias e não se cumprem as nações. Referindo-se ao desmoronar *dos* lares sustenta que "o desastre começou pela conhecida falta de flexibilidade dos preceitos morais de uma época que desaparece, na passagem para os preceitos morais de uma época que nasce", não se podendo esquecer que "foram as velhas famílias quem organizou as diferenças de classes, essa errada classificação das gentes, (que) não obedece senão evidentemente aos interesses das tribos". Portugal aparece como "uma civilização sem cultura", porque tendo-se cumprido como "fenómeno *colectivo*", não se realizou como "fenómeno *individual*". Se a civilização consiste na realização colectiva, a cultura é formada pelo desenvolvimento individual. Portugal oferece a imagem de "1. uma nação formada, 2. um Estado a formar-se, 3. uma sociedade inculta, 4. um povo novamente à procura da sua dinâmica própria". Chama-se, de forma corrente, "individualmente culto quem não é afinal senão erudito, àqueles que em vez da imaginação usam apenas a memória". Cultura, para Almada Negreiros, é essencialmente entendimento, que "não é mais do que a união íntima do conhecimento com o sentimento humanos"³⁶. Ao contrário de uma visão iluminista, não

³⁵ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 71 e 72.

³⁶ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 146 e 149; *Ensaio*, pp. 73, 75, 78, 81, 106 e 127.

se identifica a cultura com a razão, nem se tem da racional idade uma concepção forte. Será assim um expoente do pós-modernismo.

Ora, se "toda e qualquer personalidade é trabalho puramente individual, e não haverá nunca caminho comum que conduza cada qual à sua própria personalidade", e se é necessário que cada um seja mais ele próprio para que a sociedade seja igualmente ela, sem realização dos indivíduos e sem as nacionalidades se cumprirem, será impossível a união europeia. Em resultado disso, "temos aí a Europa cheia de colectividades sem indivíduos", ou mais precisamente, "com indivíduos apartados das suas próprias personalidades humanas". Todos estes elementos caminham para o destino de si mesmos, que é o de chegarem a si próprios, esta "arte onde existe toda a gente e em que raros assinaram a obra-prima". O que parece ser característico da Europa consiste em levantar "os infinitos génios da humanidade universal", aceitando, exaltando e amando "não já apenas o humano, nem só ainda a personalidade humana, como também a genialidade de cada personalidade humana, o máximo de luz e de presença de cada pessoa". No concerto dos países da Europa, Almada Negreiros crê que "o português tem uma acessibilidade melhor dos sentimentos universais do que qualquer outro povo da terra". Pensa mesmo que "esta acessibilidade do universal é historicamente portuguesa, por mais pesados que ainda caíam sobre nós os nossos antecedentes"³⁷. Mas, em contrapartida, reconhece que essa acessibilidade potencial não é actuada, porque as personalidades não se realizam. A construção europeia faz-se através da máxima potenciação dos indivíduos e das nacionalidades, sem se destruir o que é específico, e sem se descurar o que é universal.

3.4. Haverá um destino colectivo no horizonte de cada uma das sociedades. Sem a "consciência exacta da Actualidade", não é possível "criar a pátria portuguesa do século XX". E para criar a pátria portuguesa "existe apenas uma imposição urgente: se sois homens sede Homens, se sois mulheres sede Mulheres da vossa época". O destino de uma nação é indefinida abertura. Será, sem dúvida, "a geração portuguesa do século XX quem dispõe de toda a força criadora e construtiva para o nascimento de uma *nova pátria inteiramente Portuguesa e inteiramente actual*, prescindindo em absoluto de todas as épocas precedentes". O grito da nova gera-

³⁷ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 142 e 147; *Ensaio*, pp. 93, 97, 98 e 138.

ção é o dizer, nas razões da sua existência, que tem "direito a uma pátria civilizada". Esta aspiração é ainda o grito de se querer viver. Estando "farta de trevas provocadas por azuis e encarnados", "quer unanimemente que Portugal seja uma nação respeitada em todo o mundo e de maneira nenhuma um terreno só de apostas". O grande desafio para Portugal será a juventude, porque "os novos é todo o Portugal de amanhã, aqueles todos que vão começar hoje a viver"³⁸. Desígnio de Almada Negreiros é declaradamente o de servir a juventude da sua pátria, com toda a sua dignidade e com as suas próprias poses. Depois de tantas vicissitudes com que tem sido provado, augura-se para o país dias melhores. O futuro é previsto como obra de criação da juventude.

A nova sociedade do futuro será a que souber construir a existência na alegria considerada esta como "o valor mais caro do mundo". Porque "ainda não chegou o homem-que-sabe-viver", também não se descobriu todo o mistério que encerra a existência, o mistério de cada um igual ao mistério de todos. Na vivência da autenticidade, encontra-se a alegria, que é, "para os vivos, a coisa mais séria da vida", porque a "alegria é saber muito bem por onde se vai, é ter a certeza de que o caminho é o bom, que a direcção é a única". Restam apenas duas alternativas ao homem, ser a própria vida ou ser parasita da vida de outrem. Uma vez que "a única alegria é a vida", ela "não é um calvário senão por ir errada". Nem sequer o conhecimento faz aumentar o viver. De facto, "todo o saber é descontado no viver. Pelo conhecimento pode-se quando muito orientar-se a vida, mas nenhum conhecimento serve para viver". Indispensável é nunca perder de vista o "próprio *élan vital*", que se obtém quando conhecimento e vida entram em concordância. Isso ocorre desde que se tenha presente que "um conhecimento só nos serve depois de ter passado há bastante tempo por nós"³⁹. A alegria de viver consiste na comunhão no mistério do homem em projecto de realização na história.

Mas a alegria da vida é ainda confiança, dado que "não haverá magnânimo senão em amigo". Viver é participar, de acordo com o "próprio *élan vital*". Manter este *élan* é nunca se perder de vista a si próprio, deixando de lado "para sempre todo o sentido imediato do imediato", sabendo

³⁸ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 37, 42, 63, 65, 66 e 138; *Artigos no Diário de Lisboa*, pp. 113 e 128.

³⁹ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 38, 104, 115, 151 e 155; *Poesia*, p. 152; *Ensaios*, pp. 41, 144, 146 e 147; *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 48.

que o que se procura "não é imediato porque é para sempre". A busca de si mesmo, na verdade do seu ser e na realização do seu projecto, implica a alegria confiante, em partilha com outros. Não se sente a alegria se ela não é acompanhada da satisfação e esta tem uma relação de alteridade. Para Almada Negreiros, "gostar é a vida inteira que se apresenta incondicionalmente para ficar à nossa disposição. Gostar é o único modo que cada um tem para explicar a sua acção". De harmonia com tal perspectiva, "espírito e matéria, confundem-se em vida"⁴⁰. Recusa-se o dualismo que opõe estes dois componentes do homem, sublinhando-se a sublimidade da vida. É ela, no seu próprio élan, que gera o gosto, a alegria e a confiança amiga num projecto existencial. Este é o homem que se espera saiba viver. Na procura de um destino colectivo, se insere a própria busca de significação para este tempo. Entende Almada Negreiros que "nós não somos do século de inventar as palavras. As palavras já foram inventadas. Nós somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas". Somente tal orientação poderá fazer com que "na vida da humanidade nunca mais o homem seja o único ser deste mundo que não cumpre o seu destino"⁴¹. A invenção permanente do sentido da vida é uma tarefa quotidiana do homem na temporalidade.

4. Um objectivo fundamental parece mover Almada Negreiros na trama existencial deste século: "O de estar naquele excelente segredo de como funciona o humano". Para ele, "a expressão exacta do artista moderno é, hoje mais do que nunca, a de protagonista do humano. Nem o religioso, nem o profano, nem o místico nem o pagão, nem o científico, nem o inspirado, nem o herético nem o crente: o *humano*, restrita e profundamente o *humano*". A arte aparece como a expressão privilegiada da revelação do humano, porque "a arte é o social". Não o seduz o conhecimento pelo conhecimento. Entende que "apenas ciência ou apenas arte, não são conhecimento. O seu absoluto é arte-ciência. O binário faz conhecimento". Adverte-se mesmo para o facto de que "entendimento não é o mesmo que inteligência". Lembra-se que se os palhaços "soubessem tanto como os sábios, nós todos passaríamos a ser sábios, por termos aprendido com os palhaços. Mas, infelizmente, os sábios não sabem dizer o que

⁴⁰ NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 125 e 170; *Ensaio*, pp. 146 e 147; *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 105.

⁴¹ NEGREIROS, Almada — *Poesia*, p. 151; *Textos de Intervenção*, p. 148.

sabem, e os palhaços sabem, mas não são sábios". A modernidade consistiria "não tanto em dar nova razão a todos os saberes, como a de pôr vários saberes em cada coerência pessoal" ⁴². Está subjacente ao pensamento de Almada Negreiros uma concepção epistemológica que postula a inter-acção de ciência e de arte, na desocultação e no desenvolvimento do humano.

A humanização total do homem opera-se na realização plena da pessoa no universal. O homem que se cumpre é ao mesmo tempo pessoal e universal, assim como a nacionalidade se opera na especificidade e no geral. Duas vias estão abertas a quem pretende atingir o universal, o conhecimento e a fé, ou, por outras palavras, "uma humanidade de génios e uma humanidade de santos". Desde então, "o mosteiro e o laboratório são fábricas da vida, fábricas donde sai a vida; a vida feita nas fábricas para sair para todo o mundo". O heroísmo de Prometeu, na marcha para o universal, envolve uma humanidade de génios sob a forma de personalidades de conhecimento. Como nem todos dão forma suficiente à sua humanidade individual, também nem todos acedem a personalidades de conhecimento. Na verdade, "a humanidade nasce inteira de vida mas informe. Cada qual há-de conquistar a Forma com os seus próprios poderes pessoais", sendo "nas multidões que estão os únicos seres deste mundo que não cumprem com o seu próprio destino. É nas multidões da humanidade que se encontram os únicos seres deste mundo que erram o seu próprio fim". As religiões e as políticas surgem para "dar destino às pessoas humanas das multidões". O único problema do mundo que ninguém pode resolver por outrem acaba por ser "o caso pessoal de cada um"⁴³. O difícil, na realização do destino pessoal, consiste em encontrar a própria liberdade numa autêntica e estreita relação com a humanidade. A tal estado não chegam nunca as multidões, mas unicamente as personalidades de conhecimento.

Conseguir ser pessoal e realizar-se enquanto tal é um objectivo que cada um pode perseguir, porque "não há sistemas comuns para conseguir que cada pessoa seja ela a própria". Será esta a razão explicativa do facto de que "a grande maioria dos humanos não consegue atingir a liberdade. A sua violência original não encontra nunca a própria força quanto mais

⁴² NEGREIROS, Almada — *Textos de Intervenção*, pp. 103, 110, 172, 184 e 186; *Artigos no Diário de Lisboa*, p. 96; *Ensaios*, p. 27.

⁴³ NEGREIROS, Almada — *Ensaios*, pp. 95, 98 e 102.

a própria liberdade" ⁴⁴. A grande meta a atingir pelo homem é a total realização do humano e de tudo no humano, para além das clivagens sociais, ideológicas ou religiosas.

O encontro do destino pessoal passa, na verdade, pela relação entre o individual e o universal, na medida em que "o individual e o universal cada vez necessitam mais um do outro. Quanto mais integrado estiver cada qual na sua própria personalidade humana, quanto mais dentro de si mesmo estiver cada um, mais exigente se lhe torna a sua colaboração pessoal com o universal"⁴⁵. As sociedades do século XX, com a crescente divisão do trabalho e a progressiva massificação, promovem uma contínua fragmentação da consciência colectiva, com consequências na sobrecarga da consciência individual. Esta é mais solicitada, à medida que aquela se dilui.

A modernidade tem vindo a operar um trabalho de individuação da pessoa face à colectividade. À "materialidade pura" tende a reduzir Almada Negreiros tanto o corpo como a colectividade. Se o corpo é "obediência ao espírito", a colectividade é "obediência comum ao universal e ao individual". O colectivo nasce da solidariedade ou do "equilíbrio do material", colocado na base do desenvolvimento espiritual do homem, e constitui a garantia da "sua liberdade de acção pessoal no espírito". A espiritualidade reside no encontro do individual e do universal, enquanto a materialidade consiste no colectivo e no comum. O indivíduo identifica-se com a pessoa, dado que "o pessoal é que representa toda a integridade da personalidade de cada ser humano sobreposto ao individual"⁴⁶. Toda a potencialidade de acção humana está contida na pessoa, este foco de sacralidade, de criatividade, de liberdade e de desenvolvimento da sociedade.

Se as pessoas, comunicando e colaborando entre si, não o fazem através do particular de cada um, mas por meio do "conhecimento e do sentimento no universal", o mesmo acontece com as nações. As pessoas, por que insondáveis, não se interpenetram. Uma larga margem de mistério as envolve. Sobretudo a colectividade não pode ser "mentora do espírito. A cultura individual é que se reproduz em espírito na colectividade" ⁴⁷. Do mesmo modo, a Europa não pode resultar da negação de cada uma das

⁴⁴ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 113 e 114.

⁴⁵ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 103 e 106.

⁴⁶ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 106, 107, 108, 109 e 117.

⁴⁷ NEGREIROS, Almada — *Ensaio*, pp. 108, 111, 112 e 113.

nações e da sua dissolução na pura materialidade de uma colectividade uniforme e informe. Se as individualidades pessoais, apagando-se no colectivo, fazem com que as sociedades percam sinergias, assim também as nacionalidades têm que explorar e potenciar ao máximo as suas virtualidades características. Assim como há que realizar o individual no universal, do mesmo modo tem que se conseguir que o encontro da nacionalidade com a Europa seja uma relação do particular com o universal, sem qualquer tendência redutora.

Portugal continua ainda hoje a pôr na Europa o sonho irrealizado do melhor de si mesmo. Tenta afogar o seu não ser com o ser alheio, como se o desenvolvimento da totalidade não implicasse a perfeita realização de cada uma das suas parcelas. Desde o Renascimento, se vive desajustado da sua real imagem e no desassossego de quem busca uma identidade perdida. Tal é o Portugal palavroso e simulado, em permanente adiamento.

As críticas dirigidas por Almada Negreiros ao seu tempo permanecem com toda a sua actualidade. Os valores que continuam a ser reconhecidos pelos poderes públicos são os mais efémeros, porque os da ribalta. São os valores de tudo o que é encenação, e não os da construção silenciosa do humanismo.

Por mais que as auto-estradas e as vias rápidas cruzem o território nacional, por mais que se construam centros culturais, por mais que se aprimore o palco para próximas encenações de uma qualquer expo em anos que antecedem o final do século, Portugal espera cumprir-se. Não existe ainda, de facto, projecto colectivo capaz de galvanizar as pessoas e de realizar a nacionalidade. Em contrapartida, vai alastrando o desvio social, a criminalidade e o tráfico de influências, enquanto o lento ritmo de desenvolvimento afasta cada vez mais o país do bem-estar europeu, ainda que o tentem negar os vendedores de promessas e de ilusões. A grande distância que continua a separar Portugal da Europa é constituída pelo desnível cultural da grande maioria da população. Esta parece continuar a ser a trágica situação da sociedade portuguesa.